



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**O ATO DE DESENHAR: A LINGUAGEM PECULIAR DA CRIANÇA PEQUENA**

**FERNANDA DE SENA GONÇALVES**

Brasília, Novembro de 2014.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**FERNANDA DE SENA GONÇALVES**

**O ATO DE DESENHAR: A LINGUAGEM PECULIAR DA CRIANÇA PEQUENA**

Monografia de final de curso apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientação da Professora Dra. Maria Fernanda Farah Cavaton

Brasília, Novembro de 2014.

## TERMO DE APROVAÇÃO

### Comissão Examinadora:

---

Profa. Dra. Maria Fernanda Farah Cavaton - Orientadora  
Faculdade de Educação/MTC/UnB

---

Profa. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire - Examinadora  
Faculdade de Educação/TEF/UnB

---

Profa. Dra. Gabriela Sousa de Melo Mieto - Examinadora  
Instituto de Psicologia/PED/UnB

---

Profa. Dra. Fernanda Müller - Suplente  
Faculdade de Educação/MTC/UnB

**Para Clovis Sena.**

**“Te amo mais porque nasci primeiro”.**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha mãe, Olga, que me ajudou a chegar onde estou sempre me apoiando e aguentando minhas crises quando eu não sabia o que fazer com o curso. Eu não estaria graduando se não fosse você.

Quero agradecer também ao meu namorado, Gabriel, por ser compreensivo, companheiro e pelo incentivo durante o curso de pedagogia e a realização dessa pesquisa.

Agradeço também as crianças participantes e seus pais, por me apoiarem e possibilitarem a realização serena deste estudo.

Brenda, Giovana, Jéssica, Luiza, Mariana, Rafaelly, Thais, Thayane e Vinícius, obrigada por terem feito dessa graduação uma experiência divertida e inesquecível.

Agradeço especialmente a minha professora e orientadora Maria Fernanda que há anos vem sendo um norte para mim dentro da Faculdade de Educação. Pela paciência e vontade de compartilhar seu conhecimento, obrigada.

Obrigada Raquel por ser a melhor amiga de universidade que alguém pode ter. Obrigada por ter me acompanhado em todas as etapas da graduação, nos momentos bons e nos momentos difíceis.

Agradeço ao meu amigo Rafael por ter me apoiado e facilitado de todas as maneiras possíveis a execução dessa pesquisa e da graduação como um todo.

Por último, mas com certeza não menos importantes, agradeço meus familiares que me apoiaram durante este momento de graduação, em especial minha avó Gladys e meu irmão João. Bruna, pelo computador e pela paciência, eu agradeço infinitamente.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta o desenho infantil, objetivando analisar o processo e o produto do desenho da criança pequena, tendo como objetivos específicos: descrever os processos de criação desencadeados pelo desenho livre, verificar o conteúdo dos desenhos das crianças a partir de um passeio ao zoológico e analisar o desenho do reconto da história proposta. O referencial teórico aborda um breve histórico de como começou o estudo sobre o desenho infantil e a descoberta de sua importância, seguindo com o desenvolvimento da criança pequena, que inclui como a criança evolui e quais ferramentas culturais ela usa para isso, e finalmente chegando ao desenho infantil, como ele é feito e o que ele significa para a criança pequena. A metodologia foi pesquisa qualitativa, baseada em observação com caráter descritivo e configura pesquisa-ação. Foram estruturadas três sessões de aproximadamente quarenta minutos, fora do contexto de sala de aula: desenho livre, desenho motivado por um passeio ao zoológico e desenho para recontar uma história infantil. Os participantes são quatro crianças de quatro a seis anos, que já conviviam previamente à pesquisa, e a pesquisadora. Os resultados encontrados foram: as crianças apresentam estratégias de outros sistemas simbólicos como a gesticulação de movimentação física, a fala, em que questionam, dialogam e falam egocentricamente, que se refletem no produto. Inicialmente utilizaram seus conhecimentos prévios e depois extrapolaram desenvolvendo imaginação com novos conhecimentos. O processo de desenhar das crianças envolveu fala egocêntrica, gestos, diálogo entre pares. Foi verificada a importância do desenho no desenvolvimento da criança pequena. As crianças puderam desenhar livremente, expressando assim seus sentimentos e conhecimentos em imagens. A compreensão do processo do ato de desenhar e do produto final da criança pequena remete à relação que faz com as produções gráficas livres, quase sempre acompanhadas pela fala.

Palavras chave: desenho; fala; conhecimentos prévios; imaginação.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE QUADROS	10
APRESENTAÇÃO	11
PARTE I - MEMORIAL	12
PARTE II – O ATO DE DESENHAR: A LINGUAGEM PECULIAR DA CRIANÇA	15
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	16
<b>2 A CRIANÇA E SEU DESENHO</b>	18
2.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PEQUENA	18
2.2 HISTÓRICO DO DESENHO INFANTIL	20
2.3 O DESENHO DA CRIANÇA PEQUENA	23
<b>3 METODOLOGIA</b>	28
3.1 O CONTEXTO DA PESQUISA	28
3.2 PARTICIPANTES	28
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS DE PESQUISA	29
3.4 PROCEDIMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE DADOS	30
3.5 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS	31
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS</b>	32
4.1 DESCRIÇÃO DA SESSÃO I	32
4.2 DESCRIÇÃO DA SESSÃO II	33
4.3 DESCRIÇÃO DA SESSÃO III	34
4.4 RESULTADOS INDIVIDUAIS SOBRE AS SESSÕES	36
4.4.1 RAÍSSA – SESSÕES I, II E III	36
4.4.2 VÍTOR – SESSÕES I, II E III	42
4.4.3 MARCOS – SESSÕES I, II E III	47
4.4.4 GUSTAVO – SESSÕES I, II E III	53

<b>4.5 RESULTADOS OBTIDOS PARA O OBJETIVO GERAL “ANALISAR O PROCESSO E O PRODUTO DO DESENHO DA CRIANÇA PEQUENA”</b>	57
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	59
PARTE III – EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS	61
REFERÊNCIAS	63

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Raíssa: desenho livre	38
Figura 2 - Raíssa: passeio ao zoológico	40
Figura 3 - Raíssa: reconto da história	42
Figura 4 - Vítor: desenho livre	44
Figura 5 - Vítor: passeio ao zoológico	45
Figura 6 - Vítor: reconto da história	47
Figura 7 - Marcos: desenho livre	49
Figura 8 - Marcos: passeio ao zoológico	51
Figura 9 - Marcos: reconto da história	52
Figura 10 - Gustavo: desenho livre	54
Figura 11 - Gustavo: passeio ao zoológico	55
Figura 12 - Gustavo: reconto da história	57

**LISTA DE QUADROS**

Quadro nº 1 - Participantes	29
Quadro nº 2 – Materiais utilizados por sessão	30
Quadro nº 3 – Tema, objetivo e justificativa das sessões	31

## **APRESENTAÇÃO**

Nosso trabalho de conclusão do curso de Pedagogia estuda o processo do desenho da criança pequena na perspectiva da construção de uma linguagem peculiar dessa faixa etária.

Apresentamos como estrutura geral deste estudo, inicialmente, o memorial que narra nossa trajetória escolar que nos inseriu na profissão e formação de pedagoga e, principalmente, o interesse pelo desenho infantil.

Trazemos em seguida, a monografia que apresenta cinco capítulos. Na introdução configuramos a problemática e os objetivos da pesquisa. No próximo capítulo abordamos o desenho da criança, do seu histórico, passando pelas características do desenhar e relacionando com imaginação, fala e escrita. No seguinte capítulo trazemos os aspectos dos procedimentos metodológicos realizados entre eles, a estruturação das sessões, os participantes. No próximo capítulo explicitamos e discutimos os resultados obtidos, para finalmente concluir esta monografia.

Relatamos as expectativas profissionais futuras na terceira e última parte desta monografia que apresenta as pretensões acadêmicas e profissionais após a conclusão do curso.

**PARTE I**

**MEMORIAL**

Desde pequena tive contato com o ambiente escolar. Filha de professora, fui colocada muito cedo no Jardim de Infância, como era chamada a Educação Infantil na época. Por influência do meu avô materno, que era jornalista e escritor, sempre gostei muito de ler, desenhar e escrever, então, quando cheguei à fase de escolha de curso, lá no fim do Ensino Médio, a pedagogia pareceu o caminho óbvio a ser seguido.

Quando estamos nos formando no Ensino Médio, ouvimos falar como a experiência na faculdade é diferente, e isso varia de pessoa a pessoa, da escolha de curso, e, principalmente, da compatibilidade do aluno com o curso escolhido.

Desde o princípio eu gostei do curso de pedagogia, sentia que fazia sentido para a minha vida, e era o que eu gostava de estudar. Cada matéria era uma aventura diferente, e, em geral, as matérias eram sempre uma boa escolha, com algumas exceções.

Estudar no curso noturno não é fácil, poucas são as opções de matérias, então, quando comecei a pegar matérias diurnas, percebi a parte positiva de estudar em uma Universidade que possui não só um, mas como três prédios que estão lá exclusivamente para meu curso. Claro que isso não me impediu de conhecer outras partes, e matérias, dos mais diversos cursos que a Universidade possui, em campos como a psicologia, música, educação física, trazendo assim vários pontos de vista de como o magistério é tratado em partes diferentes da Universidade.

Já quase na metade do curso, eu percebi afinidade com a área de Educação Infantil. Todos os meus projetos foram voltados para essa parte da Educação, e tive sorte de encontrar uma professora que é tão entusiasmada com a Educação da criança pequena, assim como eu. No curso natural das coisas, acabei encontrando mais afinidade ainda no desenho infantil, inclusive direcionando meu PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, para o ato de desenhar, porque a criança desenha, como a criança desenha e o que isso significa para a criança e o seu desenvolvimento. Esse projeto foi em conjunto com mais duas colegas e a professora orientadora. Sem dúvidas, uma das experiências mais divertidas e enriquecedoras durante a formação.

Os estágios, obrigatórios para o curso, foram voltados para a Educação Infantil e o desenho infantil, e foi uma experiência que confirmou a vontade de atuar nesse campo. Durante os estágios notei como o desenho da criança pequena é tratado. Raramente as professoras percebem a importância do desenho infantil e do seu processo para a formação da criança, e os desenhos são sempre impostos sem muitas opções de escolha. As crianças eram obrigadas a colorir desenhos que vinham impressos, então todas tinham o mesmo desenho e as cores escolhidas pelas professoras. As crianças raramente tinham a opção de criar algo livremente, e isso despertou ainda mais a minha vontade de trabalhar e estudar o desenho infantil.

Agora, ao final do curso, fico triste em dizer que estou me formando, do tanto que apreciei minha trajetória na Faculdade de Educação, dos amigos que fiz aqui, dos professores que encontrei.

## **PARTE II**

### **O ATO DE DESENHAR: A LINGUAGEM PECULIAR DA CRIANÇA PEQUENA**

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo é impulsionado pelo desejo de analisar o processo e o produto do desenho da criança pequena, fora do contexto de sala de aula. Consideramos a criança como sujeito ativo, histórico, social e cultural (LEITE, 2005), que coloca os próprios interesses e sentimentos no desenho e o utiliza como forma de comunicação (ANNING, RING, 2009). Toda criança desenha. Ela desenha com o corpo inteiro (COSTA; SILVA; SOUZA, 2013). Quando desenha, a criança deixa traços de sua personalidade e de sua cultura no papel (ANNING, RING, 2009; FERREIRA, 1998; IAVELBERG, 2006; SILVA, 2012). E, por ser pelo desenho que se estabelece um elo entre a criança e sua percepção de mundo, é possível conhecer as características culturais do coletivo em que as crianças vivem (GOBBI, 2007; HAWKINS, 2002; MCKAY; KENDRINCK, 2001), assim como seus aspectos individuais.

O desenho - muito utilizado na educação infantil - nunca vem sozinho, é sempre acompanhado de ferramentas culturais que a criança dispõe. Por exemplo, a fala egocêntrica, considerada por Vigotski (1987) o pensamento interior da criança que ela externa, ou seja, ela está conversando consigo mesma, e regulando o desenho e suas ações por meio da fala; e a fala social, dessa vez direcionada a alguém e muito utilizada em atividades em sala de aula (LURIA 1988).

Entretanto, o desenho parece não ser tão valorizado na educação infantil apesar de ser uma atividade rica, que fornece vários detalhes sobre a criança, como ela se sente, o que ela está pensando sobre determinado assunto. Os professores costumam passar o desenho como uma atividade de passar o tempo para que os alunos fiquem quietos e sentados, e raramente exploram a produção gráfica infantil com formas inovadoras e divertidas para a criança.

Que processo é esse? O que pensa a criança quando está desenhando? Por que usam cores diferentes da realidade para desenhar? Por que nos incomodamos quando a escola não percebe esse jeito diferente que a criança tem de se comunicar?

Para entender esse processo de desenhar que acontece com a criança, que abarca uma série de ferramentas como, imaginação, conhecimentos prévios, formas

diferenciadas de linguagem e fala, atreladas ao desenvolvimento infantil, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar o processo e o produto do desenho da criança pequena, tendo como objetivos específicos:

- Descrever os processos de criação desencadeados pelo desenho livre.
- Verificar o conteúdo dos desenhos das crianças a partir de um passeio ao zoológico.
- Analisar o desenho do reconto da história proposta.

## **2 A CRIANÇA E SEU DESENHO**

A criança pequena constrói conhecimento por meio do desenho e da mediação da fala em suas interações com outras crianças e com adultos. Para entender o processo de desenhar e qual função ele exerce para a criança pequena, precisamos entender como essa criança pequena se desenvolve e qual significação ela atribui ao seu desenho.

### **2.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PEQUENA**

Para que a criança pequena se desenvolva, ela percorre um longo caminho. Logo após nascer, a criança vai vivendo experiências com o outro. Tendo ainda a visão, a audição e outros órgãos de percepção em processo de amadurecimento, o bebê recorre à boca para reconhecer o que está ao seu redor. Aproximadamente aos cinco meses de vida, e várias experiências vividas, o bebê vai notando o mundo e as coisas visíveis, e assim, vai se tornando um ser mais social. Quando atinge a faixa etária de dois anos, elas passam a ter percepções primitivas de tempo e espaço. Naturalmente, ao se desenvolver, e conjuntamente as linguagens de comunicação, cada criança vai evoluindo de maneira particular (VIGOTSKI; LURIA, 1996).

Assim, a criança pequena vive em seu próprio mundo, o real raramente a afeta (VIGOTSKI; LURIA, 1996). Ela é imaginativa e criativa e, quanto mais experiente a criança vai ficando, mais imaginativa ela se torna. A ideia de que a imaginação é só fantasia é uma ideia errônea, de acordo com VIGOTSKI (2009), a imaginação vem de experiências e conhecimentos prévios que a criança possui. Então, quanto mais experiências tiver, mais rica a imaginação infantil será:

“ [...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade de experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as

construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela.” (VIGOTSKI, 2009, p. 22).

Para entender fenômenos que ocorrem durante o processo do desenvolvimento infantil, Vigotski (1998) em vários de seus estudos elaborou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). A ZDP é basicamente uma troca de experiências. Esse conceito funciona quando a criança é ensinada por um adulto, ou outra criança mais experiente, com ajuda, dicas, iniciar solução de um problema que ela ainda não consegue completar sozinha. Ressaltando que a ZPD é o espaço que se tem entre as habilidades já aprendidas e as que estão prestes a serem realizadas sem ajuda de outra pessoa.

Esse processo de aprendizagem desencadeia desenvolvimento da criança. Para que haja esse processo entre a criança e o outro é preciso existir mediação de sistemas semióticos de comunicação, sendo o principal, a fala (VIGOTSKI, 1998).

Existem vários tipos de fala durante o desenvolvimento da criança, como a fala egocêntrica e a fala social e, ainda, a fase onde a criança começa a internalizar a fala, o que mostra o desenvolvimento cognitivo da criança.

Piaget (1990) foi o primeiro a estudar a fala egocêntrica, a que ele identificou como a fala da criança para si mesma. Entretanto, Vigotski (1987) estudou uma função diferenciada de Piaget, ele relacionou fala com o pensamento. Em experimentos ele percebeu que a criança começa a desenvolver a fala egocêntrica a partir de uma dificuldade, quando ela tem uma linguagem para si mesma. Essa linguagem descrevia a dificuldade vivida pela criança e logo depois começava a apontar possíveis soluções para o problema que ela estava enfrentando. Portanto, esse tipo de linguagem tem a função reguladora da ação e do pensamento da criança (LURIA, 1988).

Desse modo, a intensidade em que aparece a fala egocêntrica está relacionada com a idade da criança. Crianças muito pequenas externalizam mais a fala. À medida que cresce, a criança começa a diminuir o tom da voz e ouve-se apenas um sussurro e depois se pode perceber apenas os movimentos dos lábios. Quando essa fala se reduz aos movimentos labiais é quando a criança começa o

processo de internalização dessa fala egocêntrica, que se torna o pensamento verbal (LURIA, 1988).

A fala é tão importante no desenvolvimento infantil, como sistema de comunicação entre a criança e o outro, que ela passa a dominar também as outras formas de expressão, principalmente o desenho, e vice e versa. O processo de desenhar da criança pode desencadear falas reveladoras do pensamento infantil consequentemente, sinalizar os caminhos de sua aprendizagem.

Consideramos o desenho, objeto deste estudo, como instrumento cultural por meio do qual a criança simboliza gráfica e iconicamente os objetos, os seres e suas relações, importante para o desenvolvimento não só o escolar, mas, também, o social, por promover a comunicação com o outro (VIGOTSKI; LURIA, 1996). Por ser o desenho tão importante e uma linguagem peculiar da criança pequena, analisamos a seguir como vem sendo estudado através dos tempos.

## **2.2 HISTÓRICO DO DESENHO INFANTIL**

O homem sempre usou desenhos para deixar registros gráficos de sua cultura, seus ritos religiosos, seus cotidianos, para as gerações seguintes. Ao começar a se apropriar das coisas ao seu redor e dar significado a elas, o homem consegue perceber quão grande é a sua dimensão de ser e a procurar a sua identidade dentro da natureza e do mundo, gerando conhecimento e poder, consequentemente, criando História. A linguagem fez do homem um ser diferente dos outros seres da natureza e o separou do mundo natural tornando-se assim cultural, um ser que se fez, se criou, ao criar um meio de comunicação (DERDYK, 2003).

Partindo desta análise, Miranda (2012) acrescenta que, a história das produções gráficas começa junto com a do ser humano. O homem pré-histórico deixava registrado nas rochas - sejam nas paredes das grutas ou nas formações rochosas ao ar livre – marcas de suas experiências vividas. Eram gravadas figuras humanas, animais, plantas. Tudo o que via e vivia era ali simbolizado por meio de desenhos, a chamada arte rupestre. Os homens eram nômades e viviam em bandos

viajando para caçar em busca de sobrevivência e por onde passavam, costumavam deixar as marcas de sua estada registradas.

Ainda nessa perspectiva, no período paleolítico – 40 mil a 10 mil aC – as figuras são representadas de forma natural e é possível se observar a preocupação do homem com sua sobrevivência, os desenhos são, em sua maioria, de animais e plantas. No período neolítico – 8000 aC, por sua vez a arte passa a ser mais abstrata. Além disso, nota-se forte presença da figura humana, mas de uma maneira geral devido ao grande traço de abstração presente nas representações (MIRANDA, 2012).

Em relação ao desenho infantil, na era cristã, não há registros porque a criança era tratada como um “mini adulto”. Na idade média precisava trabalhar e ajudar na casa. Assim o conceito de infância não existia ainda como conhecemos hoje.

Gradativamente, Cox (1995) diz que o interesse pela criança foi surgindo apenas no século XVIII, e dentre vários estudiosos, Jean-Jacques Rousseau afirmou que a criança é criança, e essa é uma fase distinta da vida adulta, e que as crianças não eram inferiores. Como a criança era negligenciada até esse momento, quando foi surgindo o interesse de estudá-la, nada se sabia sobre como se desenvolviam, como se comportavam e como eram as crianças.

De acordo com Cox (1995) a maioria das crianças sente prazer natural em desenhar. O estudo do desenho da criança começou por volta de 1880, com um italiano chamado Conrado Ricci, que ao buscar abrigo da chuva em uma viela coberta, se deparou com desenhos nas paredes, obviamente feitos por crianças. Ricci, intrigado pelos desenhos, e porque os desenhos infantis eram por achá-los diferente da arte das pessoas adultas começou a estudá-los, lançando em 1887 o livro “A Arte Das Crianças Pequenas”.

Sobre o histórico do desenho infantil, Cox (1995, p. 83) também afirma que: “A maioria dos primeiros estudiosos dos desenhos de criança estava interessada em suas características gerais, em saber por que elas ocorrem e como se modificam ao longo do tempo”.

Para entender o histórico do desenho no Brasil e no mundo, Ivalberg (2006), explica que há duas vertentes que tratam do desenho na escola. A primeira vertente sendo a da escola tradicional, onde existem modelos que as crianças são obrigadas a copiar. Assim a criação não é muito apreciada, muito menos o processo do desenho em si, o produto final é o que mais importa. E a segunda vertente sendo a da escola renovada, onde o desenho é livre, natural da criança pequena, e forma de expressão em que o foco se encontra no processo.

Ainda sobre a análise histórica Wojnar<sup>1</sup> (apud IVALBERG, 2006) examina textos sobre congressos internacionais do desenho. O primeiro congresso em 1900, realizado em Paris, trazia a concepção do desenho da escola tradicional com intuito apenas de representação gráfica, concepção que se repetiu no segundo congresso, realizado em Berna, de acordo com Ivalberg. Ainda no congresso em Berna, foi fundada a Federação Internacional do Ensino do Desenho, que tinha como intuito reunir educadores para melhorar os meios de ensino do desenho.

Em 1908 ocorreu o terceiro congresso, dessa vez realizado em Londres. Nesse congresso estava presente Kerschensteiner<sup>2</sup>, que publicou uma das suas obras mais importantes sobre desenho infantil, em 1905, antecedendo Luquet que viria a publicar em 1913 sobre o mesmo assunto. Esse foi o primeiro congresso em que foi abordado o conceito de desenho livre, o que mostrava clara influência da modernidade sobre o ensino do desenho, rompendo assim a ideia do desenho apenas como imitação. Essas ideias modernas prevaleceram no quarto congresso em Dresden, em 1912 (IVALBERG, 2006).

No quinto congresso, realizado novamente em Paris, a ideia do desenho que se tinha na escola tradicional é trocada pela ideia de desenho como formação cultural dos aprendizes. No sexto congresso, realizado em Praga, é reforçada a formação do professor com ênfase no trabalho manual e no desenho. O último congresso, finalizando essa análise, realizado novamente em Paris, discutiu o desenho infantil como um problema, traçando assim a linha entre a escola tradicional e a renovada.

---

<sup>1</sup> Wojnar, Irena. *Estética y Pedagogia*, México: Fundo de Cultura Económica, 1996.

<sup>2</sup> George Kerchensteiner, pedagogo alemão que formula as características do desenho da criança em 1905 utilizado por Vigotski (2009).

Esses congressos descritos por Wojnar (apud IAVELBERG 2006) foram de grande ajuda para entender a história do desenho. Ao decorrer do tempo os conceitos e a importância do desenho, principalmente o infantil, foram se modificando. O desenho que era apenas imitação, e que na escola a criança deveria fazer arte adulta, passou para uma visão moderna, de modo de expressão, é agora produção espontânea (IAVELBERG, 2006).

No Brasil, a onda moderna sobre o desenho demorou a ter influência nas escolas. No início da Escola Nova em 1920, o desenho, como técnica e representação do real, ainda segue por muito tempo em paralelo com o movimento modernista na arte brasileira. Em 1940, o arquiteto Lúcio Costa ([1940], 2006)<sup>3</sup>, escreveu o documento de reformulação do ensino do desenho no curso secundário. Nesse documento, se descrevia as modalidades do desenho, como, desenho técnico, desenho de ilustração, desenho como artes, entre outros. Lúcio Costa enfatizou a necessidade de ter professores bem formados no assunto, para que o desenho não se tornasse uma atividade sem sentido e prejudicial à criança (IAVELBERG, 2006).

### **2.3 O DESENHO DA CRIANÇA PEQUENA**

O desenho não é uma atividade inata, ninguém nasce aprendendo a desenhar, mas uma atividade sociocultural que pode ser aprendida (LEITE, 2005). Pois as crianças aprendem a desenhar em casa, com seus pais, irmãos, familiares em geral. Então, se a criança tem em casa quem a encoraje a desenhar, apoiando, dispondo de materiais, essa atividade vai se tornar prazerosa. Assim a criança que desenha cotidianamente se dispõe positivamente a desenhar na escola, quando solicitada (ANNING; RING, 2009).

Por ser o desenho infantil um tema complexo, e fazer parte de um momento de crescimento da criança, é alvo de vários estudos (ANNING; RING 2009; COX, 1995; DERDYK, 2003; LUQUET 1969; VIGOTSKI, 2009). A evolução do desenho infantil está ligada a evolução da linguagem e a evolução da escrita da criança,

---

<sup>3</sup> COSTA, Lúcio. "Ensino do desenho. Programa para a reformulação do ensino do desenho no curso secundário, por solicitação do ministro Capanema" [1940].

como comenta Mèredieu (1974, p. 9): “Engendrada pelo desenvolvimento da função simbólica na criança, a evolução do desenho depende intimamente da evolução da linguagem e da escrita”.

Os teóricos que falam sobre as fases, a evolução do desenho, descrevem que primeiro a criança começa com o desenho involuntário, apenas pelo gesto e o prazer que o ato de rabiscar dá a criança. Com tal característica o desenho se manifesta como atividade motora, e, observando uma criança pequena desenhar, nota-se que ela utiliza o corpo inteiro para tal. A criança sente prazer na gesticulação e é isso que faz com que ela evolua no desenho. A criança pequena ao desenhar, quer deixar sua marca:

“Ao prazer do gesto associa-se o prazer da inscrição, a satisfação de deixar uma marca, de macular a superfície. Signos, marcas: tomam posse do universo por meio da inscrição, da ferida simbólica, imposta ao objeto. A criança frequentemente sente necessidade de macular os desenhos do vizinho e os primeiros rabiscos são quase sempre efetuados sobre livros e folhas aparentemente estimados pelo adulto, possessão simbólica do universo adulto tão admirado pela criança pequena.” (MÈREDIEU, 1974, p. 9).

Como disse Mèredieu (1974), a maioria das crianças sente prazer no ato de rabiscar. Assim Cox (1995) acrescentou que o prazer não está apenas no ato de rabiscar, está também nos resultados que ela vê dos seus riscos. São importantes as primeiras produções gráficas das crianças, as garatujas, mesmo que somente rabiscos ondulados, sem significado intencional, porque, com o exercício, gradualmente a criança vai ficando com mais controle do que produz.

Com as interações com o outro com quem a criança fala de seu desenho - ou é solicitada a falar sobre ele - sua evolução de mero movimento passa a ter formas variadas. São as chamadas garatujas ordenadas culminando no fechamento de células (PIAGET; INHELDER, 1990).

Então vai do desenho involuntário para o voluntário, quando há intenção no desenho. Muitas vezes a criança fala o que vai desenhar, mas o resultado final é diferente. Na incapacidade sintética a criança desenha os objetos que quer representar de formas diferentes, para conseguir diferenciá-los. Quando a criança descobre a relação entre seu gesto e os traços que está fazendo, começa a controlar seus desenhos em aspectos como tamanho e forma. A garatuja nomeada,

onde a criança já começa a utilizar a fala para anunciar o que vai desenhar, e descreve o processo da produção gráfica, representando “objeto concreto através de uma imagem gráfica” (NOVAES; NEVES, 2004, p. 106).

Um dos primeiros desenhos reconhecíveis da criança é a figura humana. Quando a criança é pequena este desenho consiste em, basicamente, uma forma circular da cabeça saindo dela duas pernas, os braços podem ou não estar presentes (COX, 1995). Essa figuração humana é denominada por Mèredieu (1974) de “girino”.

Assim, a criança não se contenta apenas em rabiscar, e quando sua produção gráfica passa a representar significados, o rabisco desaparece da produção infantil:

“Assim que descobre a possibilidade de representar o real por meio de signos, a criança contenta-se geralmente em desenhar objetos e não recorre com frequência à abstração. Seus desenhos narram, procuram transmitir uma mensagem.” (MÈREDIEU, 1974, p. 38).

Quando a criança evolui para o ato voluntário do desenho, a produção gráfica infantil passa a ter intenção, a criança tem a vontade de desenhar. Só então as crianças começam a desenhar de memória, desenhar objetos, histórias, pessoas que lembram e querem reproduzir, mas o resultado não é igual ao real, apesar da criança ter a intenção de representá-lo. Então, a criança passa a desenhar o que ela lembra do objeto (NEVES; NOVAES, 2004).

Cox (1995) diz que o que vemos no desenho da criança pequena, de 3 a 4 anos, raramente apresenta a representação da criança do desenho inteiro. O desenho da criança vai além do que ela produz. Usando o exemplo da bola, em um estudo de Williats (apud COX, 1995), um adulto desenharia apenas um círculo para representar uma bola, e assim estaria representando o que ele vê da bola, sua parte externa, já a criança, que também desenharia um círculo, não considera que seu desenho seja apenas a parte externa da bola. A linha da bola representa a superfície da bola e dentro da linha, o interior da bola.

Como a criança pequena não costuma desenhar o que vê, e sim o que ela sabe e lembra-se do objeto, cada desenho significa algo diferente para a criança. É importante lembrar que a visão que a criança tem do desenho é distinta da visão

adulta, assim, quando um adulto interpreta errado a produção gráfica da criança, a capacidade de criação da criança pode ser inibida (NOVAES; NEVES, 2004). Assim, a interpretação do desenho da criança pequena fora de contexto é nula (MÈREDIEU, 1974).

As consequências do desenho de memória da criança ao desenhar, por exemplo, uma casa, é normal que ela reproduza tudo o que sabe intelectualmente sobre a casa, então a criança acaba desenhando as pessoas que moram lá, a escada, a mobília, mesmo que esses não sejam visíveis quando se observa a casa pelo lado de fora (VIGOTSKI, 2009).

A criança chegaria à fase final do desenho quando começasse a representar no papel apenas aquilo que vê, isto é, o exercício visomotor. Dessa forma, dali em diante a criança se torna crítica de seus próprios desenhos, abandonando essa prática. Nessa fase a criança só continua desenhando se tiver muito interesse, for incentivada, ou possuir informações técnicas que a ensine a desenhar de modo a satisfazê-la (LOWENFELD 1977; LUQUET 1969; MÈREDIEU 1974; VIGOTSKI, 2009).

Em suma, consideramos que o ato de desenhar é uma atividade singular de cada criança e que varia de acordo com a idade, bem como com as experiências de desenhar e dialogar com o outro, além de poder ter acesso a materiais para criar e imaginar suas produções gráficas livres; uma vez que, de acordo com Vigotski (2009), a imaginação vem de inúmeras situações vividas pela criança com o outro, construindo um repertório de conhecimentos (SILVA, 2012). Assim a criança utiliza o que conhece previamente para a criação de seus desenhos: “O que a criança vê e ouve, dessa forma, são os primeiros pontos de apoio para sua futura criação. (VIGOTSKI, 2009, p. 36)”.

Enquanto a criança desenha ela brinca, fala e gesticula. Ela constrói ilusões, ela nomeia, e apresenta tudo isso em sua produção gráfica, além de criar signos e demonstrar sentimentos: “Na produção de desenhos [...] a criança pode usar a brincadeira, gestos e fala para comunicar suas vontades, expectativas, suas significações” (CAVATON, 2010, p. 20). O desenho não é apenas uma forma de comunicação e expressão, ele pode auxiliar na memória, por exemplo, quando a criança desenha de certa forma diferenciada, para poder lembrar, momentos depois,

o que estava querendo representar.

Para se desenvolver culturalmente, a criança usa a capacidade de usar sistemas simbólicos como, a linguagem e o desenho. O desenho como sistema simbólico passa uma mensagem e apresenta um conteúdo: “O desenho é uma expressão da função simbólica que se concretiza na relação entre o indivíduo, e a cultura na sua história” (CAVATON, 2010, p. 30). A criança utiliza o desenho como auxílio na construção de conhecimento, uma vez que o desenho pode ser um auxílio que prepara a criança para utilizar outra ferramenta cultural, a escrita.

### **3 Metodologia**

A pesquisa é qualitativa, baseada em observação: “A observação é então, obviamente, uma importante fonte de conhecimento.” (KERLINGER, 1910, p. 1), com caráter descritivo e configura pesquisa-ação, explicada por Barbier (2007):

“Na pesquisa-ação é criada uma situação de dinâmica social [...] diferente daquela da pesquisa tradicional. O processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto [...]. A pesquisa-ação utiliza os instrumentos tradicionais da pesquisa em Ciências Sociais, mas adota ou inventa novos.” (BARBIER, 2007, p. 56).

Portanto, em nossa pesquisa-ação, criamos as atividades de desenho em três sessões semanais, com duração em média de quarenta minutos cada, para termos informações da produção gráfica e diálogos das crianças, em contexto extraescolar.

#### **3.1 O contexto da pesquisa**

A pesquisa foi realizada fora do ambiente escolar com o intuito de deixar as crianças se sentirem à vontade para produzir seus desenhos, sem interferência de ensino ou qualquer tipo de obrigatoriedade acadêmica. Assim, queríamos verificar o desenvolvimento do desenho de crianças de idade diferentes.

A sala escolhida para a pesquisa foi de tamanho médio e na casa da pesquisadora, com bastante espaço no chão, para que as crianças pudessem escolher onde sentar.

#### **3.2 Participantes**

Foram escolhidas 04 (quatro) crianças com idades entre 04 (quatro) e 06 (seis) anos, todas regularmente matriculadas em escolas particulares do Distrito Federal, e foram escolhidas por já se conhecerem e estarem familiarizadas conosco e umas com as outras.

As crianças, por estarem bastante familiarizadas umas com as outras e com a pesquisadora, não ficaram tímidas, e eram bastante agitadas e conversavam bastante entre si.

<b>Quadro nº 1 - Participantes</b>				
<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Ano Escolar</b>	<b>Principais Características</b>
<b>Raíssa<sup>4</sup></b>	4	Feminino	Jardim II	É a única menina do grupo, mas não se sente intimidada. Gosta de mandar e se sentir a líder. Por ter convivência prévia com os meninos, não tem vergonha de expor sua opinião, e suas críticas, tanto positivas quanto negativas.
<b>Vítor</b>	4	Masculino	Jardim II	Impaciente, tende a correr com as atividades. Dos quatro participantes é o mais comunicativo, sempre conversando e dando opiniões. É, também, o que mais foge do assunto “desenho” enquanto está desenhando.
<b>Marcos</b>	5	Masculino	Jardim II	É o que mais se concentra nas atividades. Tem o costume de desenhar, tanto na escola quanto em casa, e se mostra a vontade com as atividades propostas.
<b>Gustavo</b>	6	Masculino	1º Ano do Ensino Fundamental	O mais velho dentre os participantes e também o mais quieto. Mostra-se concentrado na atividade, mas de vez em quando gosta de dialogar com os outros participantes.

### **3.3 Instrumentos e materiais de pesquisa:**

O instrumento de pesquisa foi o protocolo de observação (CRESWELL, 2010) em que foram anotadas as falas das crianças e os aspectos da pesquisa, e gravadas em um Ipod Touch, em diários de bordo onde foram registradas.

Os materiais utilizados pelas crianças para os desenhos foram:

---

<sup>4</sup> Nomes fictícios.

<b>Quadro nº 2 – Materiais utilizados por sessão</b>	
<b>Sessões</b>	<b>Materiais</b>
<b>Sessão 1</b>	04 (quatro) cartolinas brancas, uma para cada participante, 05 (cinco) lápis de cor para cada participante, 15 (quinze) giz de cera jumbo para cada participante, computador para reprodução de música.
<b>Sessão 2</b>	01 (um) papel pardo, 05 (cinco) lápis de cor para cada participante, 15 (quinze) giz de cera jumbo para cada participante.
<b>Sessão 3</b>	04 (quatro), folhas tamanho A3, 05 (cinco) lápis de cor para cada participante, 15 (quinze) giz de cera jumbo para cada participante, livro com história para o público infantil.

### **3.4 Procedimento para a construção de dados**

Como nosso objetivo era verificar o processo e o produto do desenho infantil da criança pequena. Para obter dados desse tipo de desenvolvimento, gravando em áudio o processo de desenhar de crianças pequenas, com idades diferentes e de nosso convívio.

Depois de explicarmos a pesquisa para os pais das crianças escolhidas e termos recebidos sua autorização, informamos a realização e gravação em áudio de 3 sessões, uma por semana das atividades de desenho.

As atividades foram previamente planejadas para que as crianças pudessem desenvolver o desenhar livremente, além de possibilitar a interação entre os participantes. No início de todas as sessões, com a sala previamente arrumada, reunimo-nos com as crianças para dialogar sobre as atividades, escutando seus comentários.

Assim sendo, apresentamos abaixo a organização das sessões com as atividades desenvolvidas, objetivos e justificativas:

<b>Quadro nº 3 – Tema, objetivo e justificativa das sessões</b>			
<b>Sessão</b>	<b>Tema</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Justificativa</b>
<b>Sessão I</b>	Desenho livre	Desencadear o desenhar livre harmonizando o ambiente com uma música clássica de Vivaldi – The Four Seasons (1795) <sup>5</sup> , e verificar os processos de criação desencadeados.	Começar o hábito do desenho completamente livre.
<b>Sessão II</b>	Desenho coletivo sobre o passeio ao zoológico	Despertar o interesse das crianças com atividades fora dos padrões.	Essa sessão foi organizada para que as crianças fizessem atividades atípicas do que fazem em sala de aula, visitando o zoológico, aguçando a imaginação e o interesse das crianças para a atividade proposta.
<b>Sessão III</b>	Reconto de história.	Recontar a história desenhando.	O critério da escolha do livro - “O Sorriso do Alípio”; Autor: Márcio Araújo; Editora: Globo, 2ª edição, 2009 - foi porque um dos participantes estava colocando aparelho ortodôntico naquela semana.

### 3.5 Procedimentos de análise de dados

Depois de degravadas as sessões, o primeiro nível de procedimento de análise foi um resumo de cada sessão. No segundo nível de análise, a partir de cada sessão trazemos cada criança individualmente, elucidando seu processo de desenhar e significação do produto.

<sup>5</sup> A escolha da música foi por motivos pessoais da pesquisadora.

## **4 Apresentação e Discussão dos resultados**

Antes de apresentar nossos resultados categorizados por sessão, é importante ressaltarmos que nossa postura frente aos diálogos das crianças sempre foi de incentivo ao desenho livre, evitando comparações entre as crianças e mantendo sempre uma avaliação positiva de qualquer solicitação de aprovação da criança.

Cada sessão será descrita resumidamente para depois focarmos cada criança individualmente por ordem de idade, das mais novas para as mais velhas, focando tanto o processo de desenhar como a significação dada por ela para o produto final.

### **4.1 Descrição Sessão I**

As crianças foram chegando uma a uma ao local da pesquisa e, quando todas estavam na sala previamente preparada, conversamos um pouco com as crianças, perguntando se elas gostavam de desenhar ao que todas as crianças responderam positivamente. Nessa primeira sessão o tema foi desenho livre, deixando que cada criança passasse para o papel aquilo que mais lhe interessava no momento. O ambiente foi organizado com folhas de cartolina para cada criança. As folhas foram colocadas no chão de modo que as crianças pudessem interagir, formando uma roda.

Após explicar às crianças a liberdade que teriam para desenhar, deixamos à disposição delas lápis de cor e giz de cera.

As crianças começaram a desenhar harmonizadas pelo som da música *The Four Seasons*, de Vivaldi, e se mostraram muito interessadas umas nos desenhos das outras, dialogando entre elas, dando opinião, conversando o tempo todo.

Dois desenhos apresentaram um tema em comum: Peter Pan. O aniversário de Vítor tinha ocorrido há uma semana, e todas as crianças participantes da

pesquisa, por já conviverem com o aniversariante previamente foram para a festa de aniversário, cujo tema era Peter Pan. Ao lembrarem e conversarem sobre a festa, Marcos e Vítor decidiram desenhar os personagens da festa, incluindo o Peter Pan (no desenho de Marcos), e o capitão Gancho nos dois desenhos.

## 4.2 Descrição Sessão II

Como preparação e motivação para a tarefa da sessão 2, levamos as crianças para um passeio ao zoológico. O passeio ocorreu num sábado pela manhã. As crianças foram acompanhadas da pesquisadora e mais quatro adultos.

Todos se reuniram perto da entrada do Zoológico de Brasília onde se iniciou o passeio. Orientamos as crianças em relação ao comportamento durante o passeio e a necessidade de permanecerem todos juntos. Foi uma atividade muito agradável e interessante. Como as crianças são pequenas, não foram trabalhados conteúdos mais específicos sobre cada animal. As explicações ficaram limitadas a informações básicas sobre os animais como seus nomes, suas cores predominantes, seus hábitos alimentares.

Os animais visitados foram: macaco, leão, tigre, zebra, elefante, hipopótamo, pássaros e girafa. As crianças gostaram muito de ver os animais e em especial, os macacos, pois com suas estripulias, encantaram os pequenos.

Após o passeio, todos se dirigiram para o local da pesquisa onde foi disponibilizada para as crianças uma folha de papel pardo. Cada criança sentou em uma extremidade do papel, que estava grudado ao chão e puderam utilizar lápis de cor e giz de cera para realizar a tarefa. Pedimos que as crianças desenhassem o passeio, o que gostaram, o que não gostaram e o que mais chamou a atenção da criança. Então foi gerada uma discussão:

- Gustavo: “como a gente vai desenhar uma coisa que a gente não gostou?”
- Marcos: “cada um faz o que quiser, você não ouviu?”
- Vítor: “pode desenhar qualquer desenho!”

Ânimos acalmados, todos começaram a falar o que iriam desenhar, nomeando os animais que viram durante o passeio.

As crianças se preocuparam bastante com a nossa aprovação, perguntando se o desenho estava ficando bonito e ficavam muito animadas ao receberem resposta positiva.

Os diálogos surgidos durante a sessão versam sobre variados temas, e as crianças gostam muito de dar opinião sobre os desenhos dos colegas. Apresentamos a seguir alguns turnos de fala que caracterizam essas opiniões.

- Vítor: “vou desenhar só a zebra”.
- Gustavo: “você tem preguiça”.
- Marcos: “Vítor, você só sabe desenhar uma coisa”.
- Gustavo: “não tem que desenhar jaula”.
- Marcos: “o leão é bravo. Tem jaula sim”.
- Gustavo: “a gente não viu cobra!”
- Raíssa: “eu vi quando meu pai levou”.

### **4.3 Descrição da sessão III**

Na sala destinada à realização das sessões, nos reunimos com as crianças e contamos a história “O sorriso do Alípio”. As crianças prestaram muita atenção na leitura da história e demonstraram bastante interesse no assunto porque a história tem como personagens figuras já conhecidas pelas crianças, que fazem parte de um programa de TV infantil, muito popular entre as crianças dessa faixa etária.

A história tem o objetivo de fazer as crianças perceberem que existem diferenças entre todos e que essas diferenças não têm importância. Cada um é especial do seu jeito. Todos devem ser respeitados, apesar das diferenças. O personagem cujo nome se encontra no título da história, o Alípio, necessita colocar aparelho ortodôntico e a história se desenvolve a partir desta situação.

Após a leitura da história, foi distribuído para as crianças papel A3, lápis de cor e giz de cera. Foi pedido que as crianças representassem a história por meio de desenhos.

Cada um começou a falar o que iria desenhar:

- Marcos: “Eu vou desenhar o Júlio”.
- Gustavo: “Eu vou desenhar o labirinto”.
- Vítor: “Eu vou desenhar esse carinha aqui”.
- Raíssa: “Eu vou fazer uma cerca”.

Marcos se preocupou em saber se havia borracha para poder apagar o desenho se errar. Respondemos que não havia borracha e que não havia problema, pois não há desenho errado.

As crianças ficaram animadas com os desenhos e explicavam o que estavam desenhando:

- Raíssa: “o meu tem uma gravata”
- Marcos: “o meu pode ser colorido?” Respondemos que sim, todos podem ser coloridos.
- Raíssa: “é porque ele é só laranja. Eu vou colocar amarelo também”.

Marcos era o mais falante, e preocupado com o que os outros estavam desenhando.

Marcos: “o que você está desenhando?”

Vítor: “o azulino”.

Enquanto desenhavam, as crianças começam a conversar sobre assuntos variados.

- Raíssa (para Gustavo): “eu nunca vi sua mãe”.
- Gustavo: “hoje o Marcos viu, não viu?”
- Vítor: “Eu nunca, né, Gustavo?”
- Gustavo: “você já viu sim!”
- Vítor: “Quando?”
- Gustavo: “Quando você foi me buscar pra gente ir pro zoológico”.
- Vítor: “Ah é! Eu vi antes do Marcos, né?”
- Gustavo: “É!”
- Marcos: “Antes de mim?”
- Gustavo: “Verdade!”

E novamente retornaram a falar sobre os desenhos.

- Raíssa: “Eu posso desenhar um elefante?” Ao receber uma resposta positiva diz: “mudei de ideia. Vou desenhar um cachorro”.
- Marcos: “Pode desenhar. Tem animais na história”.

Por ser uma história que fala sobre dentes, enquanto desenhavam as crianças começaram a conversar sobre seus atos de higiene bucal:

- Marcos: “antes de dormir eu escovo os dentes”
- Gustavo: “todo mundo escova os dentes”
- Marcos: “tenho preguiça. É ruim”
- Vitor: “minha mãe cheira meu bafo depois de escovar os dentes”
- Crianças: gargalhadas

As crianças se interessaram em observar o que os colegas estavam desenhando e procuraram dar opinião sobre como deveriam desenhar e o que deveriam desenhar.

Raíssa fez um desenho muito colorido, mesmo afirmando que o personagem não era colorido na história, mas disse que o seu era diferente porque tinha muitas cores.

Raíssa se incomodou com a conversa dos meninos e reclamou: “Já chega, meninos! Vocês estão fazendo muita graça!”

Todos perguntaram se os desenhos estavam bonitos. Ao receberem resposta positiva, ficaram animados e disseram que esta era uma atividade divertida e que gostaram muito da história e da tarefa proposta.

#### **4.4 Resultados individuais sobre as sessões**

Com o intuito de focar o processo e o produto do desenhar de cada criança, apresentamos os relatos individuais dos participantes referentes às sessões apresentadas.

##### **4.4.1 Raíssa – Sessões I, II e III**

a) Sessão I – Resultados do objetivo “Descrever os processos de criação desencadeados pelo desenho livre.”

Raíssa ouviu com atenção a explicação sobre a tarefa a ser realizada. Demonstrou interesse e vontade de começar logo a tarefa proposta, perguntando várias vezes se já podia começar a desenhar.

Antes de desenhar, Raíssa organizou os lápis e disse que fazia isso para que ficasse mais fácil desenhar. Ela explicou seus desenhos para os colegas, mas se preocupou e se incomodou com a conversa dos demais. Raíssa não gostou que os outros participantes ficassem conversando enquanto existia uma tarefa a ser realizada.

Mas ao mesmo tempo em que chamou a atenção dos amigos, ela conversou com eles, querendo saber o que cada um iria desenhar, pois se tratava de desenho livre.

Raíssa mudou de posição o tempo todo durante a realização do desenho. Raíssa apresentou fala egocêntrica (LURIA 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987) ao expressar em voz alta qual seria o seu desenho e em outras ocasiões ao externar o que estava desenhando, a cor que estava sendo utilizada e qual o próximo passo do desenho.:

- “agora vou usar o amarelo”
- “a árvore tá feliz”
- “vou fazer um sol bonito”
- “essa sou eu”

Raíssa fez questão de ocupar toda a folha que foi disponibilizada, expressando oralmente a sua vontade de fazer o desenho na folha toda.

Raíssa se identificou com o desenho. Disse que iria desenhar uma princesa e no final disse que era ela representada no desenho. Assim, Raíssa apresentou o *self* em sua produção: “O *self* (si mesmo) e o início da construção dos elementos do processo de identificação, na infância, constituem a dinâmica entre agencialidade da criança [...] e os contextos socioculturais” (CAVATON, 2010, p. 26). Pode se inferir então que Raíssa, apesar de não ter colocado em seu produto final o que disse que

colocaria enquanto estava desenhando – uma princesa – utilizou do desenho como ferramenta para construção do *self* e construção de conhecimento em sua produção gráfica: “[...] o aprender perpassa a construção do si-mesmo, do self, as relações consigo mesmo” (CAVATON, 2010 p. 26).

Ao dizer que vai desenhando uma princesa e ao final dizer que desenhando a si mesma, Raíssa confirma a teoria descrita por Novaes e Neves (2004), quando o que a criança enuncia de seu trabalho durante o processo pode ser diferente do produto final.

Ela se sentiu bem ao fazer o desenho. Procurou nossa aprovação, perguntando sempre se seu desenho estava bonito. Ficou feliz com a resposta positiva e afirmou que seu desenho era o mais bonito. Ficou envaidecida quando os demais colegas elogiaram o seu desenho. Fez questão de explicar sempre o que estava desenhando e exerceu seu poder de comando, chamando a atenção das outras crianças sempre que extrapolavam na conversa durante a atividade. Podemos perceber que, para ela, desenhando é uma atividade agradável, pois o faz com capricho e cuidado.



Figura 13 - Raíssa: desenho livre

Para concluir verificamos que os processos de imaginação e criação desencadeados pelo desenho livre da Raíssa mostraram que ela estava voltada para si mesmo, desenhou seu cotidiano, conversou bastante, utilizou de falas egocêntricas e as significações que ela mostrou durante o processo de desenhar. Ela foi colocando novos elementos até chegar ao produto final em que ela modificou o que inicialmente seria uma princesa passa a ser ela.

b) Sessão II – Resultados do objetivo “Verificar o conteúdo dos desenhos das crianças a partir de um passeio ao zoológico.”

Raíssa nos procurou repetidamente para obter aprovação a respeito de seu desenho. Durante a explicação sobre a tarefa proposta prestou atenção e balançou a cabeça fazendo sinal de que estava compreendendo a atividade. Durante essa atividade, Raíssa interagiu bastante com os colegas. Anunciava a eles o que estava fazendo.

Raíssa utilizou a fala egocêntrica (BARBATO; CAVATON, 2011, LURIA 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987) para explicar a si mesma as cores que iria utilizar e o desenho que faria.

O recurso utilizado fez com que ela pudesse organizar seu desenho de acordo com o que se lembrava, pois ia nomeando os animais e escolhendo as cores com que iria pintá-los:

- “preciso colorir”
- “a cobra vai ficar bonita”

Durante a realização dessa atividade, a fala egocêntrica, utilizada por Raíssa, foi reguladora do desenho: “O desenho da criança, composto de figuração e imaginação, é uma atividade mental que reflete significações e, portanto, é dependente da palavra” (FERREIRA, 1998, p. 34).

Raíssa fez um desenho muito colorido, as cores utilizadas não são as cores reais dos animais. Zebra colorida com laranja, branco, azul. Ela fez o desenho de si mesma no zoológico, junto aos animais. Portanto a menina desenhou de memória e tudo que sabe sobre o que desenhar (LOWENFELD 1977; LUQUET 1969; MÈREDIEU 1974; VIGOTSKI, 2009).

Raíssa desenhou, dentre outros animais, uma cobra, animal que não foi visto durante o passeio. Ao ser questionada pelos colegas, ela disse que viu a cobra em uma visita anterior que fez com seu pai ao zoológico, produzindo assim um desenho de memória, tanto pela presença da cobra, quanto pelo uso de cores não convencionais que, para Raíssa, representam o real. Utilizou seus conhecimentos prévios para a produção do seu desenho: “A primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (VIGOTSKI, 2009, p.20).



**Figura 14 – Raíssa: desenho do passeio ao zoológico**

Para concluir esta sessão, a significação do desenho da Raíssa é sobre os animais que ela viu no zoológico neste passeio promovido pela pesquisadora junto com os outros participantes, entretanto traz conhecimentos anteriores desenhando animais que foram vistos em outras idas ao zoológico com seus familiares.

c) Sessão III – Resultados do objetivo “Analisar o desenho do relato da história proposta”.

Raíssa recorreu bastante ao nosso auxílio, perguntando o que poderia ser desenhado, perguntou sobre quais os personagens que mais gostamos da história que foi contada. Demonstrou interesse em nos agradar com seu desenho, buscando elogios a todo tempo.

Nessa atividade, a interação de Raíssa com os colegas foi no sentido de repreendê-los por estarem conversando. Ela não se interessou muito em saber o que estavam desenhando, queria fazer sua tarefa e caprichar para nos agradar.

O desenho de Raíssa foi organizado à medida que ela utilizava a fala egocêntrica ao relatar o que estava desenhando. O recurso foi utilizado como que para ajudá-la a organizar a sua produção (BARBATO; CAVATON, 2011; LURIA 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987;):

- “ele é só laranja. Vou colocar amarelo também”.
- “vou colocar uma gravata”
- “vou fazer uma cerca”
- “vou fazer um cachorro. Ele é azul.”
- “vou fazer o Alípio triste. Ele tá triste por causa do aparelho, né?”

Raíssa fez um desenho muito colorido, novamente não usando as cores reais (LOWENFELD 1977; LUQUET 1969; MÈREDIEU 1974; VIGOTSKI, 2009). Para ela o que importava é que seu desenho ficasse bonito, buscando sempre nossa aprovação. Raíssa apresentou o desenho como um auxiliar no desencadeamento de imaginação, principalmente ao desenhar o Alípio triste (SILVA, 2012; VIGOTSKI, 2009). Sua justificativa é de que, assim como na história, ele estava triste por ter colocado aparelho ortodôntico. Raíssa então representou apenas fragmentos do enredo, além de falar parte da história que desencadeou significações colocadas no desenho (ANNING; RING, 2009, CAVATON, 2010).



**Figura 15 – Raíssa: Reconto da história**

Para concluir Raíssa captou e significou o sentimento de tristeza do personagem em seu desenho e suas falas.

#### **4.4.2 Vítor – Sessões I, II e III**

- a) Sessão I – Resultados do objetivo “Descrever os processos de criação desencadeados pelo desenho livre.”

Vítor estava inquieto perguntando repetidamente como deveria ser feito o desenho. Perguntou se estava certo o que queria desenhar, nos mostrou seu desenho durante a confecção e, ao final, apresentou seu desenho e afirmou ele mesmo que seu desenho estava lindo.

Vítor, que recentemente fez aniversário cuja festa teve como tema o Peter Pan, disse que iria desenhar o personagem, o que mostrou a utilização de conhecimentos prévios no seu desenho infantil. O produto final da sua produção porém, não foi o personagem do Peter Pan, e sim do Capitão Gancho, que também estava presente na história do Peter Pan e estava representado em sua festa de aniversário. De acordo com Vigotski (2009) a imaginação está diretamente

relacionada com a vivência das crianças, e as crianças utilizaram seu conhecimento prévio sobre o assunto.

Vítor pediu a ajuda de Marcos, já que os dois desenhavam sobre o mesmo assunto, na hora do seu desenho. Perguntou a Marcos como ele faria o gancho do Capitão Gancho, ao que Marcos ajudou e tentou ensinar, porém sem rabiscar o desenho de Vítor. Com as instruções de Marcos, mostrou a Zona de Desenvolvimento Proximal (VIGOTSKI, 1998): “[...] aciona as ZDPs e auxilia a criança a dominar os usos e funções das ferramentas culturais mediadoras, canalizando a construção de conhecimento” (CAVATON, 2010, p. 24), assim Vítor disse desenhar um gancho em cima da mão do Capitão Gancho e se mostrou satisfeito com o resultado.

Vítor era o mais agitado e conversou muito com todos. Perguntou sobre os desenhos e deu palpite dizendo aos colegas qual cor deveria ser usada e o que deveria ser desenhado.

Vítor promoveu várias conversas sobre assuntos relacionados ao desenho, como por exemplo, a idade em que começa a adolescência, uma vez que ele fez o desenho do Peter Pan. Esse turno de fala de Vítor suscita dúvidas nas crianças se ele era realmente criança ou se já era adolescente.

Vítor utilizou a fala egocêntrica algumas vezes, geralmente para mencionar a cor que gostaria de usar em seu desenho, e explicar o que vai desenhar. “A função vigotskiana desse tipo de fala tem o caráter de organizar, de planejar a ação da criança” (CAVATON, 2010, p. 36).

- “preciso do vermelho”
- “vou querer o marrom”
- “eu vou fazer a garra dele”
- “eles tão lutando”

Ele fez o desenho apressadamente, disse que gostava da atividade, mas queria realizá-la com rapidez. Logo disse que estava cansado e declarou que havia terminado.



**Figura 4 – Vítor: desenho livre**

Para concluir, os processos de Vítor foram desencadeados por uma experiência significativa vivida pela lembrança e representação da sua própria festa de aniversário. Seu desenho apresentou um personagem em destaque que é o capitão Gancho, demonstrando os interesses e preferências da criança.

b) Sessão II – Resultados do objetivo “Verificar o conteúdo dos desenhos das crianças a partir de um passeio ao zoológico”.

Vítor, assim como os demais, demonstrou bastante interesse na atividade e quis ter a certeza de que poderia desenhar o que quisesse.

Ele utilizou muito o recurso da fala egocêntrica e isso permitiu a interação entre as crianças que rebateram as falas de Vítor, pois alguns diálogos surgiram em resposta de suas falas egocêntricas (BARBATO; CAVATON, 2011; LURIA 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987).

A fala egocêntrica foi utilizada ao descrever o que iria desenhar e as cores a serem utilizadas:

- “vou desenhar só a zebra”
- “pintar de branco”
- “zebra listrada”
- “vou desenhar só isso”

Ao perceber que todos os participantes desenhavam uma zebra Vítor começou a desenhar o mesmo animal, com o corpo largo e comprido, e a cabeça pequena. Ao desenhar ele colocou seus conhecimentos que tinha sobre o animal como os detalhes das listras, por exemplo, sua produção gráfica acompanhou a narrativa de sua fala (LOWENFELD 1977; LUQUET 1969; MÈREDIEU 1974; VIGOTSKI, 2009).

Portanto Vítor foi o primeiro a terminar o desenho. O desenho foi realizado, mas o que ele mais gostou na atividade foi o fato de estar com os colegas e conversar.



**Figura 5 – Vítor: desenho sobre o passeio ao zoológico**

Para concluir, os conteúdos apresentados por Vítor descreveram o animal que ele reproduziu como fruto de conversa com os colegas participantes da pesquisa, colocando as características aparentemente significativas da zebra.

c) Sessão III – Resultados dos objetivos “Analisar o desenho do reconto da história proposta.”

Vitor participou bastante no momento que a história estava sendo contada e fez perguntas ao término da leitura. Ele estava muito agitado e conversava com todos. Deu opinião sobre os desenhos, puxou outros assuntos. Interagiu todo o tempo com os colegas, por vezes perguntando, por vezes respondendo aos questionamentos dos colegas. Estava muito falante e preocupado com o que os outros estavam desenhando e em mostrar para todos o que ele próprio estava desenhando.

A fala egocêntrica foi evidenciada durante a segunda sessão (BARBATO; CAVATON, 2011; LURIA 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987). Utilizada apenas para indicar cores que estavam sendo utilizadas.

- “o azulino tem que ser azul”
- “preciso do verde”
- “preciso do marrom”

Vitor estava muito agitado, levantou e sentou repetidamente. Segurou o lápis pela ponta, não firmou o papel para desenhar, não variou as cores. Pelo seu comportamento parece-nos que o mais importante para ele era o contato com os amigos. Verbalizou que não gostava muito de colorir.

Vitor fez um desenho central, reproduzindo um personagem secundário da história. É importante notar que os três meninos reproduziram esse personagem que no caso era uma vaca azul. Isso nos remete que o produto do desenho da criança nem sempre representa que nós esperamos (NEVES; NOVAES, 2004; MÈREDIEU, 1974). É por isso que não há um código para a leitura de desenho de crianças sem observar seu processo (LEITE, 2005).



**Figura 6 - Vítor: Reconto da história**

Para concluir, Vítor desenhou as características do personagem secundário que quis representar, inclusive desenhou outro personagem, Júlio, também secundário, da história em cima da vaca.

#### **4.4.3 Marcos – Sessões I, II e III**

a) Sessão I – Resultados do objetivo “Descrever os processos de criação desencadeados pelo desenho livre.”

Marcos se mostrou interessado em ouvir a explicação acerca da atividade a ser desenvolvida, perguntando se podia desenhar o que quisesse. Ao ouvir resposta positiva, demonstrou alegria esfregando as mãos e sorrindo.

Marcos contou quantos lápis ele tinha e disse que iria arrumá-los. Ele se concentrou na atividade. Sentou-se no chão e não mudou muito de posição. Utilizou várias cores, tinha o traço firme e procurou colorir dentro dos limites do contorno de

seu desenho. Isso sugere que é uma prática escolar que ele traz para os desenhos feitos fora de sala de aula.

Marcos usou a fala egocêntrica por diversas vezes, explicou para si mesmo tudo o que desenhou e disse em voz alta o nome de todas as cores que utilizou.

- “vou fazer a calça”
- “preciso do marrom! A bota tem que ser marrom. A bota é marrom”.
- “vou desenhar a camisa”.
- “agora o vermelho”
- “as nuvens azul”
- “o sol tá bonito”
- “esse é verde”

“[...] a fala é reguladora da ação infantil, porque a criança passa a organizar seus atos por meio dela.” (CAVATON, 2010, p. 35). E é exatamente isso que Marcos faz nesse exemplo. Ele utiliza a fala como ferramenta para organização do pensamento e regulação de ação (BARBATO; CAVATON, 2011, LURIA, 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987).

Ao desenhar a figura do Peter Pan, os piratas e o Capitão Gancho, ele utilizou de conhecimentos prévios que tinha sobre a história do Peter Pan, e experiências recentemente vividas na festa de aniversário que teve o mesmo tema, de seu colega, também participante da pesquisa, Vítor. Para a construção de imagens a criança usa de elementos reais que são por ela modificados e reelaborados, fazendo assim uma relação entre a fantasia e a realidade (VIGOTSKI, 2009).

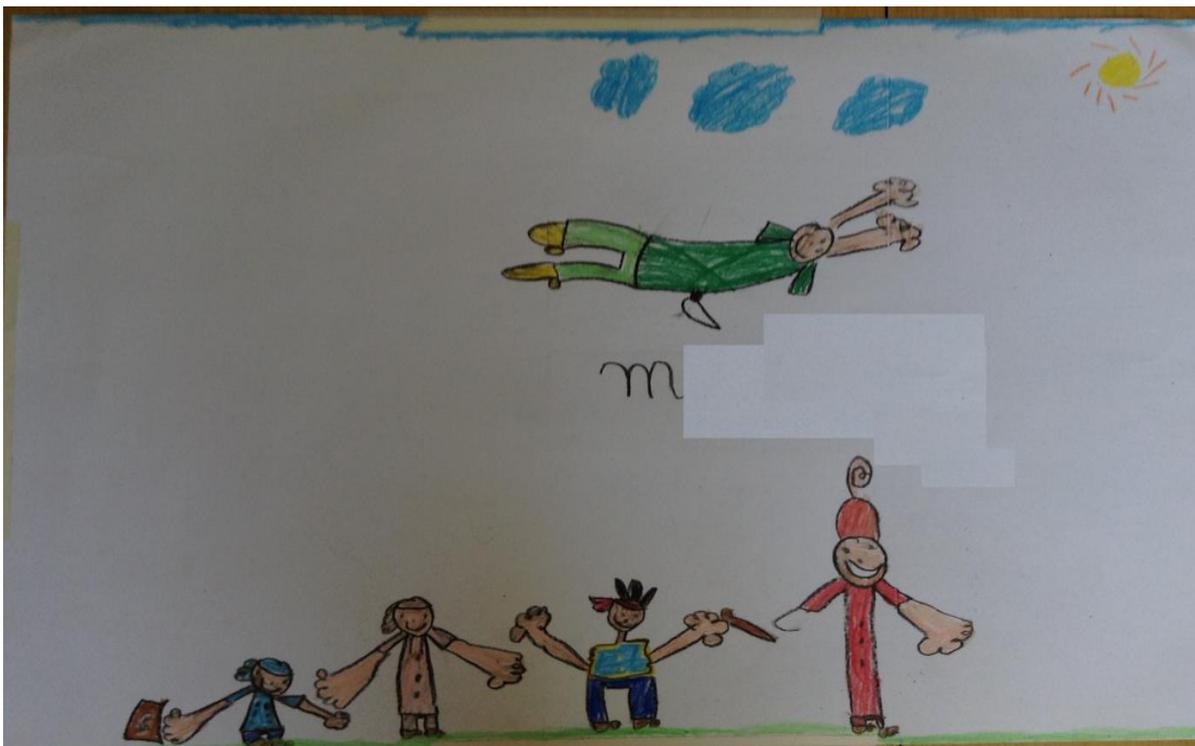


Figura 7 – Marcos: desenho livre

Para concluir, os processos de criação de Marcos foram desencadeados pela lembrança de momentos felizes vividos em festa de aniversário cuja temática ele ressignificou.

b) Sessão II - Resultado do objetivo “Verificar o conteúdo dos desenhos das crianças a partir de um passeio ao zoológico.”

Durante a explicação desta sessão, Marcos não fez perguntas, mas prestou muita atenção no que estava sendo explicado. No decorrer da sessão, Marcos procurou nossa aprovação perguntando se estava desenhando corretamente.

Marcos interagiu com os colegas perguntando o porquê da cor utilizada, deu palpite, indicando como o colega deveria fazer o desenho. Por vezes a interação surgiu de fala egocêntrica de Marcos, tendo resposta de seus colegas.

- Marcos: “preciso do preto”
- Gustavo (para Marcos): “o que você vai pintar de preto?”
- Marcos (para Gustavo): “a zebra”

Assim, a fala egocêntrica externalizada por Marcos vira uma fala geradora de diálogo: “Quando a fala da criança para si mesma desencadeia interações continuadas por qualquer um dos interlocutores.” (CAVATON, 2010, p.51).

Marcos utilizou a fala egocêntrica explicando sempre o que estava para desenhar e quais cores iria utilizar. Esse recurso foi muito utilizado por Marcos durante a segunda sessão (BARBATO; CAVATON, 2011; LURIA 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987).

- “preciso do preto”
- “tem de fazer o sol”
- “o leão precisa de tá na jaula”
- “agora o amarelo”

Marcos sempre explicou o que iria desenhar, indicando as cores e os animais antes de realizar o desenho. É comum essa narrativa preceder o desenho (VIGOTSKI, 2009).

Chama a atenção em seu desenho o fato de o leão estar na jaula. Ele fez questão de desenhar a jaula, pois, de acordo com Marcos o “leão é um animal muito bravo”. Marcos então desenhou o que ele viu e lembrou intelectualmente sobre o leão e seu habitat em um zoológico. Ele usou cores fortes em seu desenho e não se esqueceu de desenhar céu com sol e nuvens, tendo em vista que o passeio foi realizado em um dia ensolarado (ANNING; RING, 2009, IAVELBERG, 2006, MÈREDIEU, 1974).



**Figura 8 – Marcos: Desenho sobre o passeio do zoológico**

Para concluir, as significações feitas por Marcos demonstraram os animais que mais lhe impressionaram durante o passeio ao zoológico, refletindo riqueza de detalhes, como o macaco andando no cipó, a zebra representando não só as pernas, mas também os dedos das patas e o leão enjaulado por causa da periculosidade.

c) Sessão III - Resultados dos objetivos: “Analisar o desenho do reconto da história proposta”.

Marcos prestou muita atenção enquanto a história estava sendo contada. A fala egocêntrica foi pouco identificada durante essa sessão. Marcos procurou mais responder às perguntas dos amigos, utilizando raras vezes o recurso da fala egocêntrica.

Marcos ocupou a folha quase que totalmente e teve a preocupação em saber se havia borracha para poder apagar o desenho se errasse. Utilizou cores vivas e teve o traço firme. Procurou retratar a história com precisão, desenhando os personagens envolvidos. E fez questão de desenhar o céu, onde se encontram o sol e algumas nuvens.

Ao terminar o desenho nos perguntou se estava bonito. Ao ser indagado sobre o desenho, ele explicou o que foi desenhado, mostrando cada detalhe. Ao receber a aprovação, sorriu e disse que gostou muito de fazer a atividade.

Marcos desenhou os personagens presentes na história o que foi fácil para ele porque já conhecia aqueles personagens. Usou então seus conhecimentos prévios (VIGOTSKI, 2009) para construir sua produção gráfica.



**Figura 9 - Marcos: reconto da história**

Ao ser indagado sobre a forma como escolheu pintar as nuvens, Marcos, cansado do desenho e querendo ir brincar, disse que “essas nuvens vão chover, por isso estão assim”, o que mostra o uso da imaginação na hora de tentar resolver um problema que lhe foi apontado (SILVA, 2012, VIGOTSKI, 2009).

A construção da figura humana de Marcos sugere sua evolução psicomotora. A figura humana já contém mais detalhes como braços, pernas, cabeça e tronco (DERDYK, 2003, MÈREDIEU, 1974) e características do personagem da história contada.

.Para concluir percebemos que Marcos se preocupou em desenhar os personagens da história apresentando visíveis características retratando o desenho de televisão no qual foi inspirado esse livro infantil.

#### **4.4.4 Gustavo - Sessões I, II e III**

a) Sessão I – Resultados do objetivo “Descrever os processos de criação desencadeados pelo desenho livre”.

Gustavo ouviu com atenção as explicações sobre a tarefa proposta e demonstrou interesse pela atividade fazendo perguntas a respeito da atividade proposta.

Gustavo era o mais velho dentre as crianças presentes na pesquisa e era o que menos conversava. Ficou concentrado em fazer seu desenho e não prestou muita atenção ao que os outros estavam desenhando ou falando. Falou pouco com os colegas. Apenas respondeu algumas perguntas sobre o que iria desenhar e quais cores pretendia utilizar.

Diante disso, consideramos que Gustavo tem sua fala egocêntrica exterior, interiorizada, isto é, transformando-se em pensamento verbal. Vindo ao encontro dos teóricos sobre a relação fala e pensamento que dizem que por volta dos seis, sete anos, a criança não precisa mais externar seu pensamento para se organizar (LURIA 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987).

Pudemos observar apenas uma vez, Gustavo utilizar da fala egocêntrica quando ele contou os dedos da mão para si mesmo, falando que cada mão tem cinco dedos e juntas somam dez.

- “cada mão tem que ter cinco dedos. As duas mãos têm dez dedos juntas”.

Portanto, Gustavo ficou concentrado na atividade e desenhou a si mesmo com a camisa do Brasil, em uma casa com jardim, e brinquedos no quintal. Seu desenho era composto por um sol, céu, nuvens e grama. O que mostrou que Gustavo já está representando o real, ele fez o movimento visomotor, preocupando-se com espaço e desenho em perspectiva (LOWENFELD 1977; LUQUET 1969; MÈREDIEU 1974; VIGOTSKI, 2009).



**Figura 16 - Gustavo: desenho livre**

Por ser o mais velho, seis anos, é o que está menos acostumado a desenhar. Gustavo comentou que não está mais acostumado a desenhar nem na escola, e nem em casa: “Mais tarde, quando a criança atinge a idade escolar, verifica-se quase sempre uma diminuição da produção gráfica, já que a escrita – matéria considerada mais séria – passa então a ser concorrente do desenho.” (MÈREDIEU, 1974, p.11).

Então, geralmente, quando a criança começa em se preocupar em reproduzir o real ela não costuma se não se satisfazer com o produto de seus desenhos, então para de desenhar (LOWENFELD 1977; LUQUET 1969; MÈREDIEU 1974; VIGOTSKI, 2009).

Para concluir, Gustavo também se utilizou do desenhar a si mesmo, como Raíssa, seus desenhos tiveram características realistas, preocupando-se em representar os diferentes tamanhos dos objetos.

b) Sessão II – Resultados do objetivo “Verificar o conteúdo dos desenhos das crianças a partir de um passeio ao zoológico”.

Gustavo observou com atenção a explicação da atividade e quando os colegas disseram que poderia ser desenhado o que quisesse, ele questionou se isso era verdade.

Gustavo interagiu com os colegas em poucas ocasiões. Ele deu opinião nos desenhos, mas na maior parte do tempo, preferiu ficar em silêncio realizando sua atividade.

Nesta sessão não foi identificada manifestação de fala egocêntrica, Gustavo, que está no começo do ensino fundamental já internalizou sua fala, não precisa mais da fala alta para regular suas ações (LURIA 1988; VIGOTSKI; LURIA, 1996, VIGOTSKI, 1987).

Gustavo demonstrou interesse em realizar a tarefa, desenhando os animais, utilizando cores compatíveis com as cores reais e procurando desenhar cada um deles de acordo com o que foi visto durante o passeio, ou seja, novamente exercendo o visomotor. Gustavo teve o traço firme e fez questão de colorir dentro das margens que fez em seu desenho. Utilizou o seu espaço quase que integralmente (DERDYK, 2003).



**Figura 17 – Gustavo: desenho sobre o passeio ao zoológico**

Para concluir, a descrição dos desenhos de Gustavo acompanharam proporção e características dos animais que escolheu representar. Seu desenho foi bem executado expondo todo o conhecimento que ele tinha desses animais.

c) Sessão III – Resultados dos objetivos “Analisar o desenho do reconto da história proposta”.

Gustavo ouviu com atenção as explicações da tarefa proposta e evidenciou interesse pela atividade fazendo questionamentos a respeito dela.

Ele não mudou muito de posição durante a atividade. Organizou os lápis, colocando-os em ordem decrescente de tamanho.

Gustavo se concentrou na atividade, mas respondeu aos colegas quando questionado. Novamente, não foi utilizado o recurso da fala egocêntrica por Gustavo nesta sessão.

Surgem assuntos não relacionados com a atividade, mas que despertaram grande interesse nas crianças, como a conversa já relatada sobre quais amigos conhecem a mãe de Gustavo e quais ainda não a conhecem.

Gustavo fez o desenho do reconto da história em uma única cena, ele não fez uma parte específica, ou fragmentou a história contada. Ele desenhou os personagens que já conhecia. Procurou desenhar os espaços, grama, árvore, personagens, contextualizando o cenário onde a história se passava. Teve o traço firme e utilizou cores vivas, colorindo com precisão, evitando ultrapassar os limites dos desenhos.

O personagem recorrente representado pelos quatro meninos foi a vaca azul que não era a principal da história, porém nos sugere que ela, de alguma forma, atraiu as crianças para aparecer nos três desenhos. Então nos sugere também que os três desenharam a vaca pela razão de serem amigos e elegerem esse personagem como principal. Existem razões de amizade que fazem meninos e meninas gostarem de manter alguma atividade em comum (PANIAGUA; PALACIOS, 2007).



**Figura 18 – Gustavo: reconto de história**

Para concluir, Gustavo, assim como os outros meninos, representou as características da vaca azul, personagem que escolheu representar, em um cenário contextualizado da história, acompanhado de outro personagem, o Júlio.

#### **4.5 Resultados obtidos para o objetivo geral “analisar o processo e o produto do desenho da criança pequena”**

Os processos de desenhar das crianças apresentaram estratégias de outros sistemas simbólicos como a gesticulação de movimentação física, a fala, onde questionam, dialogam e falam egocentricamente, que se refletem no produto. Esse produto traz todos os conhecimentos e os interesses que as crianças quiseram representar, como trazem também semelhanças com os desenhos dos outros participantes da pesquisa, pois há uma identificação entre eles, tendo em vista que as crianças que já se conheciam. Existe amizade, as crianças convivem.

Todas as crianças produziram seus desenhos de memória, colocaram tudo que sabiam, criaram relações entre os desenhos; à exceção do mais velho, que apresentou já perspectivas de espaço e proporcionalidade entre os desenhos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução do desenho infantil ocorre concomitantemente ao desenvolvimento de outras habilidades da criança, como a linguagem e a escrita. Essa evolução ocorre de acordo com a faixa etária em que a criança se encontra. Nosso estudo girou em torno do processo de desenhar da criança fora do contexto de sala de aula.

Pudemos observar, durante o estudo, que as características dos desenhos e do modo de desenhar, variam de acordo com a faixa etária de cada criança. Cada criança demonstra níveis diferentes de interesse na atividade de desenhar, na concentração na realização dos desenhos, no empenho em colorir o desenho, entre outros aspectos. À medida que a criança tem um grau de amadurecimento maior, seu interesse pela tarefa de desenhar, diminui, sendo substituído por interesse em outras atividades para ela, mais aprazíveis.

Na primeira sessão, pudemos perceber a influência de vivências prévias, pois o tema foi desenho livre. As crianças desenharam sobre fatos ocorridos anteriormente, o que deixou claro a presença das situações prazerosas por elas vividas.

Na segunda sessão, houve motivação para a confecção dos desenhos e pode ser percebido que tal motivação influencia na realização da produção infantil. A criança observa e posteriormente retrata o que foi observado. Constatamos que a realização do desenho após motivação, aguça a criação, pois as crianças criaram com base no que foi visto em um passeio, demonstrando prazer em passar para o papel, as figuras vistas e os momentos vivenciados juntos.

Na terceira sessão, a tarefa foi desenhar o reconto da história proposta. As crianças se comoveram com a história contada e procuraram demonstrar sua solidariedade com o personagem do desenho, argumentando antes desenhar, e desejando apresentar o personagem feliz em seus desenhos.

A fala egocêntrica, recurso bastante utilizado pelas crianças pequenas, foi muito observada durante a pesquisa. Percebemos que a fala egocêntrica funciona como um organizador de ideias, direcionando os passos da produção da criança pequena. Constatamos que a utilização do recurso da fala egocêntrica diminui à proporção que a criança amadurece.

Durante todo o processo as crianças tiveram liberdade para criar seus desenhos, sem interferência de adultos no processo de produção. Liberdade para desenhar, sem que fossem oferecidos modelos ou houvesse imposição de cores pré-determinadas a serem utilizadas. Percebemos que a criança ao vivenciar tal liberdade, desenha com prazer. Intuímos que, na atividade proposta fora da sala de aula, há influência da atividade de desenhar realizada em sala de aula, pois a todo o momento as crianças buscaram aprovação de seus desenhos, por vezes com receio de estar fazendo de maneira errada, também pela prática de colorir dentro dos limites.

Entendemos que deve haver valorização do ato de desenhar da criança, pois a produção de desenhos, em sala de aula ou fora dela, aumenta o potencial de criatividade da criança, desenvolve a sua habilidade gráfica, o que gera inúmeros benefícios em vários aspectos no transcorrer de sua vida.

**PARTE III: EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS**

Como esperado, a pesquisa para a monografia despertou o desejo de pesquisar, então o próximo passo seria o mestrado, como chance de aprofundar pesquisas e conhecimentos na área da Educação Infantil, e principalmente sobre o desenvolvimento sócio cultural da criança e o processo do desenho infantil.

Sonhar alto é algo que aprendemos na Faculdade de Educação, assim como um futuro melhor para a educação brasileira. Existe na Inglaterra uma escola chamada Summerhill, onde eles se consideram de educação livre, a criança e o adolescente têm o mesmo status que um adulto, e lá eles aprendem a viver em comunidade, tomar decisões importantes para a vida, refletir sobre o que querem fazer quando terminarem a escola e treino para a vida profissional, além de trabalho em equipe, cooperação, comunicação, tudo isso aliado a um currículo escolar. Então, depois do mestrado e doutorado, a pesquisadora tem o sonho de abrir uma escola nos moldes da Summerhill, adaptada à realidade brasileira, onde as crianças gostem de aprender, sintam-se livres, aprendam a viver a vida, aprendam sobre sobrevivência, política, além de estarem preparadas para enfrentar o vestibular arcaico brasileiro, não se atendo àquele velho currículo obrigatório, tudo isso com vontade de estudar e amor à Educação.

## REFERÊNCIAS

- ANNING, Angela; RING, Kathy. **Os significados dos desenhos de crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CAVATON, Maria Fernanda Farah. **A mediação da fala, do desenho e da escrita na construção de conhecimento da criança de seis anos**. Brasília: Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2010.
- \_\_\_\_\_; BARBATO, Silviane B. A fala egocêntrica a criança de seis anos na construção coletiva da escrita. **Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, volume 1, nº. 11. pp.78-102, Set. 2011. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>.> Acesso em: Set. 2014.
- COSTA, Marina Teixeira M. S.; SILVA, Daniele Nunes Henrique; SOUZA, Flavia Faissal, **Corpo, atividades criadoras e letramento**. São Paulo: Summus, 2013.
- COX, Maureen. **Desenho da criança**. Martins Fontes, 1995.
- CRESWELL, J H. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions**. Thousand Oaks, California: Sage, 1998.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Editora Scipione, 1989. 239 p.
- \_\_\_\_\_. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Editora Scipione, 2003. 173 p.
- FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenvolvimento da criança**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998. 111p.
- GOBBI, Márcia Aparecida. O fascínio indiscreto: crianças pequeninas e a criação de desenhos. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Suely Amaral. (Orgs.). **Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas**. Araraquara: J. M. Ed., 2007, p. 119-136.
- HAWKINS, Bryan. Children's drawing, self expression, identity and the imagination. **Jade**, v. 2, n. 3, p. 209-219, 2002.
- IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. Porto Alegre: Zouk. 2006.
- KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo, EPU, 1910.
- LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. Nem fase de grafismo, nem exercício psicomotor: o desenho como espaço de produção cultural de crianças. In:

MACHADO, M. L. de A. **Encontros e desencontro em Educação Infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 268-274.

LOWENFELD, Vicktor, BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, Georges-Henry. **O desenho da criança**. Porto: Civilizações, 1979.

LURIA, Alexander. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Editora Foletras, 1988.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, Lev Semenovitch; LURIA Alexander Romanovich; LEONTIEV Alexei Nikolaevich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone Ed. USP, 1988.

MÈREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. 9ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1974.

MCKAY, Roberta A.; KENDRINCK, Maureen E. **Children draw their images of reading and writing**. *Language Arts*, v. 78, n. 6, p. 529-533, 2001.

MIRANDA, Nélia. **Breve história do desenho**. Disponível em <  
<https://sites.google.com/site/perspetiva600/historia-do-desenho-e-da-perspetiva>>  
Acesso em: Set. 2014.

NOVAES, Ema R.; NEVES, Lygia H.R. A criança e o desenho infantil: a sensibilidade do educador mediante uma produção artística infantil. **Revista de divulgação Técnico-científica do ICPG**. p. 105-109, Vol 2, n. 5. Abril-junho 2004.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesus. **Educação infantil: Resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbara. **O desenvolvimento da criança**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Imaginação, criança e escola**. São Paulo: Summus, 2012.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem** (Tradução J. L. Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico, livro para professores**. São Paulo, Ática, 2009.

\_\_\_\_\_; LURIA, Alexander R. **A história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

